

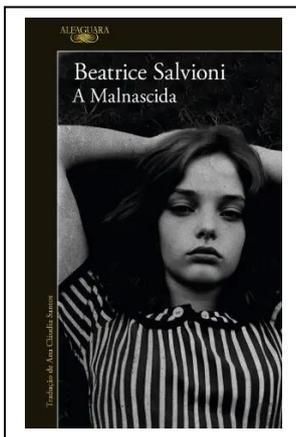
## [A malnascida] [Beatrice Salvioni]

### [Beatrice Salvioni] Biografia:



Beatrice Salvioni nasceu em Monza, Itália, em 1995. Formou-se em Filologia Moderna pela Universidade Católica de Milão. Foi aluna da Scuola Holden, dirigida por Alessandro Baricco, e ganhou o Prémio Calvino 2021, com o conto «Il volo notturno delle lingue mozzate», bem como o Prémio Raduga 2021. A malnascida é o seu primeiro romance, com o qual obteve o Prémio Scuola Holden e cujos direitos foram vendidos a trinta e dois editores antes da publicação em italiano. Será adaptado a série televisiva.

### Sinopse de [A malnascida]



*Com ecos de autores como Natalia Ginzburg, Alberto Moravia ou Elena Ferrante, eis a estreia fulgurante de uma escritora cuja mestria literária se dedica, neste romance, à procura da origem do mal e dos obstáculos à liberdade individual. Monza, Itália, 1936. Francesca, de 13 anos, está nas margens do rio Lambro, vergada sob o peso de um homem morto que tentou violá-la. Maddalena, amiga de Francesca, sai da água e ajuda-a a livrar-se do corpo: escondem-no no meio de arbustos. Este momento é um marco inolvidável na relação entre as duas raparigas, que começa um ano antes, quando Francesca se deixa fascinar por aquela a quem todos chamam «a Malnascida»: uma rebelde de origens humildes e com estranhos poderes. Contrariando a vontade da sua mãe, obcecada pelas convenções sociais burguesas, e ignorando os rumores que atribuem várias mortes à Malnascida, Francesca junta-se ao seu bando de amigos problemáticos, ávida por descobrir um modo de vida em absoluta liberdade. Entre as duas amigas, contudo, imiscui-se a guerra e o fascismo. Francesca e Maddalena terão de fazer uma difícil escolha: aliar-se contra a opressão social e a injustiça, ou deixar que o curso da História as separe para sempre. A Malnascida é o elogiado romance de estreia da italiana Beatrice Salvioni, distinguido com o prémio literário Scuola Holden, criado pelo premiado escritor Alessandro Baricco. Uma inesquecível história de amizade e crescimento, sob o pano de fundo da Itália fascista.*

## BEATRICE SALVIONI, ESCRITORA: “VÊM-NOS COMO GÊNIO, PESSOAS MISTERIOSAS, ISSO NÃO É VERDADE. A INSPIRAÇÃO É UM MITO.”

Um livro que se lê com voracidade, "A Malnascida" é uma história sobre duas amigas adolescentes nos anos 30 de uma Itália fascista. Conversa com a autora de primeira viagem, na sua editora, em Lisboa.

Máxima, 23 DE NOVEMBRO DE 2023 - Rita Silva Avelar

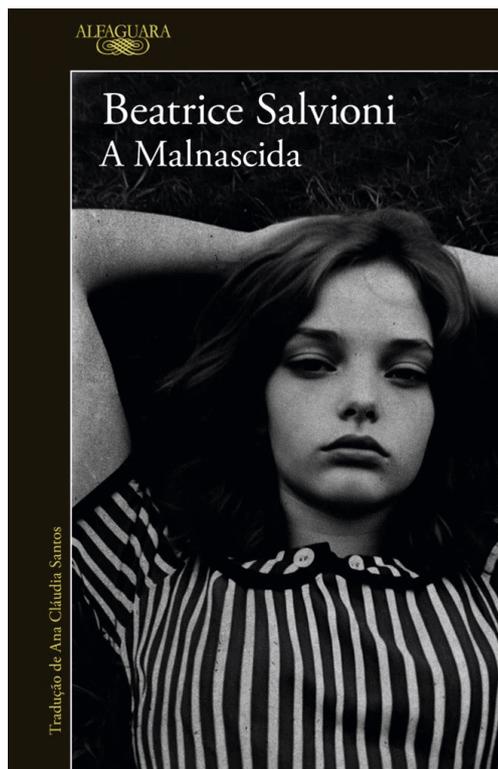


Foto: Leonardo Cendamo/Getty Images

Não há nada mais desarmante do que alguém que não tem medo de dizer a verdade, por mais ausência de deslumbramento que ela tenha. Assim é Beatrice Salvioni, 28 anos, com quem nos encontramos em Lisboa, para conversar sobre o seu primeiro livro, um romance passado em Itália, nos anos 30, que tem como pano de fundo um período de fascismo e um contexto social precário. No centro de *A Malnascida* (Alfaguara), título que dá a alcunha à protagonista, Maddalena, está ela e a sua melhor amiga, Francesca. As duas são de famílias muito distintas: a primeira, livre e rebelde, criada numa série de tragédias e pobreza que a parecem envolver, pois "atrai o diabo"; a segunda, vinda de uma casa conservadora e abastada, sente-se como um pássaro numa gaiola.

Conduzido por uma escrita escurrita e bela, o leitor segue Maddalena e Francesca e a forma

como crescem numa cidade que nunca tira o olhos delas, que as vigia e as mantém na sua redoma controladora, enquanto descobrem a dura fase da adolescência e do que ela significa para elas, como mulheres num mundo vincadamente patriarcal. Voltando a Salvioni, o livro chega agora a 32 países, e valeu-lhe o Prémio Scuola Holden. Será adaptado a série televisiva. Diz a crítica que a escrita da autora - que estudou Filologia Moderna pela Universidade Católica de Milão - tem ecos de autores como Natalia Ginzburg, Alberto Moravia ou Elena Ferrante, nós dizemos que ela tem uma voz muito própria.



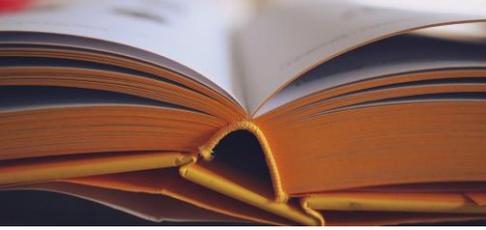
Capa do livro, "A Malnascida"Foto: DR

### **Vi no Instagram que passou por Lisboa. Qual é o *real feel* da cidade?**

Percebi que Lisboa tem uma luz linda. Estive num restaurante vegetariano, na Rua da Horta Seca, e no Cais Sodré. Não me lembro do nome das ruas da cidade de onde venho, por isso confesso que não sei exatamente onde estive agora, mas adorei passear pela cidade.

### ***A Malnascida* é um *page-turner*. Para um primeiro livro, há uma segurança na narrativa, uma força na escrita. Escreve desde que se lembra?**

É o primeiro livro publicado, mas não é o primeiro livro que escrevi. Este livro carrega todos os livros que escrevi antes. Pode parecer banal dizer que toda a vida escrevi, mas é verdade. Todos os livros que hoje menosprezo, escritos aos 17 anos, modestos, sobre vampiros – e que, infelizmente a minha mãe guardou! (risos) – contam. Ela é uma acumuladora das coisas que eu crio – é o destino da filha única. Um dia pode tramar-me: "posso publicar esta história que escreveste aos 16 anos sobre vampiros!". Bom, todas elas me fizeram crescer como [escritora](#). Dizem que é impossível ensinar-se a necessidade de escrever - a chama que sentes queimar, que te impele a fazê-lo – mas eu acredito que podemos aprender as ferramentas e os instrumentos que nos permitem melhorar a nossa escrita.



## Há esse mistério sobre os escritores?

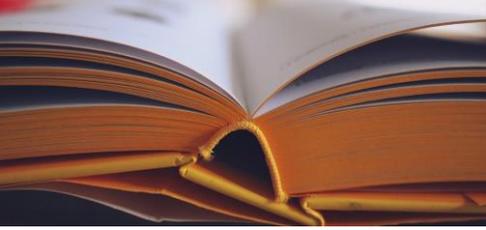
Nunca ficaríamos surpreendidas se um chef nos dissesse que teve de estudar para se tornar melhor. Porque é que isso não acontece com a escrita? Vêm-nos como génios, pessoas misteriosas, isso não é verdade. A inspiração é um mito. Para se escrever é preciso consistência, paciência, foco, é uma atividade para nos dedicarmos como qualquer outra. [Alejandro] Jodorowsky disse a coisa que eu acho que é a mais apropriada: "Não se pode ter espontaneidade sem estrutura." Vale para a escrita. No meu primeiro curso de escrita criativa na universidade, tomei coragem e levei o meu primeiro conto – que começava com o sol a entrar pela janela, e desenvolvia-se numa realidade distópica – ao meu professor. Que leu a primeira linha e parou. Disse-me: "Não posso continuar com esta leitura, porque a primeira frase é medíocre. É aborrecida." Disse-me que não queria saber que eu estivesse orgulhosa da história. Foi uma excelente lição, ele estava certo. Era uma frase má e uma descrição super aborrecida. Foi também uma lição sobre o leitor: ele não nos irá fazer um favor. Não tem de se esforçar para ler.

## Como encontra a frequência certa para escrever?

O isolamento não é o mesmo que solidão. O tempo é precioso. Por exemplo, agora, acompanhar o meu livro por vários países, compromete o meu tempo para escrever. Quando consigo estar nessa bolha, é fantástico, e o tempo voa. Mas é um tempo necessário. Um livro nunca é uma coisa só de uma pessoa, envolve agentes, editores, editoras. É importante que exista uma confrontação com outras pessoas, cruzar histórias, trocar ideias, discutir plots, passagens, personagens. Tudo isso faz parte do trabalho de um escritor. A ideia da solidão [na escrita] é um outro mito. Há sempre um momento em que voltamos ao mundo. Eu aprendi que cada escritor tem o seu próprio método. Dizem que há dois tipos: o planeador, que se senta e faz o esqueleto, planeia, do princípio ao fim, sabe exatamente o que fará, e eu sou assim. Sou um caos em tudo o resto na minha vida, distraio-me, mas nas minhas histórias tenho de ser controladora. Passo muito tempo nesse processo. Eu crio um plano, um dossier de personagens, o meu ecrã de computador está organizado em função disso: de um lado, o meu plano, do outro, a minha página em branco. Às vezes acontece uma coisa gira: um personagem obriga-me a tomar outro rumo, ou explorar coisas que não estavam previstas. O que é bom: significa que o teu personagem é mais do que esperavas. Nesse momento tens de ir atrás dele. Faço isto mesmo em pequenos contos. Também sei de escritores que só seguem uma ideia e é isto – eles existem. Eu ficaria perdida e ansiosa! (risos). Eu adoro escrever, e sempre que posso escrevo todos os dias.

## ***A Malnascida* é sobre duas amigas a viver aquele período difícil da vida, que muitas vezes se desvaloriza - a adolescência. O livro retrata a amargura que é crescer, a vida a desenvolver-se.**

Quando se escreve uma história nunca se pode pensar sobre a mensagem que passará, caso contrário vai soar a algo falso. Eu tenho tendência para escrever histórias sobre jovens, porque me sinto atraída por aquele espaço liminar, quando começamos a perceber o mundo, que estamos numa espécie de jaula que a sociedade nos impõe. É quando começamos a entender o que significará ser mulher, e o mundo exterior começa a ter reações a isso, especialmente os homens. Há um novo tratamento para connosco. É a fase mais difícil para uma rapariga. Começa tudo a tornar-se desconfortável no nosso corpo, porque ele está a mudar, mas o mais difícil é processar essa reação exterior à tua mudança. Agora, e isto é válido para mulheres e homens: a parte paradoxal de crescer passa pelo momento em que somos pequenos, pensamos sobre a ideia de nós próprios, e o mundo parece uma coisa grande só para nós, e podemos ser o que



quisermos. Depois, percebemos que crescemos, sim, mas acontece o contrário: tornamo-nos pequenos. O mundo, em si, fica mais pequeno. Essa possibilidade com que sonhamos não existe. É a parte mais difícil e triste de crescer.

**Este período ainda está fresco, tal a proximidade etária com essa fase da tua vida? Ainda tens esse sentimento de que algo se perdeu e transformou? Elas, as protagonistas, enfrentam essa mudança com muita coragem, já que o período retratado é de grande dificuldade financeira e instabilidade social. Além disso, estão quase sempre unidas.**

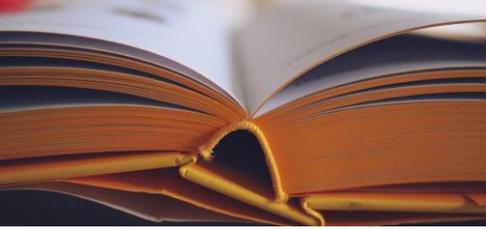
Fico feliz que tenhas notado nisto. A maioria dos livros que têm mulheres como protagonistas são centradas em conflitos uma com a outra, ou conflitos interiores. Neste caso, o conflito é exterior. Elas estão sempre unidas. Não têm inveja, nunca querem ser melhor que a outra. Há um momento, em que Francesca cai, há uma traição, mas não por causa de inveja uma da outra. Em histórias de relacionamentos femininos, sempre uma competição por um homem, por um status, por um sítio, por uma família. Eu queria que elas fossem aliadas. Quando estão em conflito é por causa de factores externos. Elas querem estar uma pela outra, há uma sororidade.

**Monza, Itália, 1936, fascismo. Há um contexto histórico forte - houve muita pesquisa?**

Quando se quer enquadrar uma história num determinado período tem de existir muita pesquisa. Pode ser uma fase frustrante, mas leva a novas ideias, ao desenvolvimento de personagens. É essencial. Eu penso que há muitos livros sobre fascismo, mas muitos se esquecem da vida das pessoas mundanas. Eu estava mais interessada nisso, nos detalhes, nas cartas, nos diários, no pensamento das pessoas durante esse período. Consultei arquivos online de jornais regionais, dos anos em questão. Há uma cena durante o Grande Prémio da Itália, que envolve uma tensão política, que vinha descrita num desses jornais. Assim como as oferendas do ouro que as mulheres faziam ao estado.



*O livro chega agora a 32 países, e valeu-lhe o Prémio Scuola Holden. Foto: DR*



**Foi buscar referências ao sítio onde cresceu. De que maneira se espelham no cenário? Há sempre uma sensação de que elas estão a ser observadas.**

Apliquei, de certa maneira, a geografia da minha infância, aos sítios onde elas se movem. Agora o rio é muito poluído, mas veja-se os arriscados trajetos de bicicleta e o parque. Não queríamos saber dos perigos, mas sim das cicatrizes belas com que ficaríamos. Como eles, eu fiz coisas como escalar árvores, inventar brincadeiras no parque. Para mim, Monza é um sítio pequeno, tem um pensamento de uma cidade pequena, é tradicional, conservador, especialmente quando penso no microcosmos da escola. É difícil ser-se diferente num sítio assim.

**Agora que o livro está em 32 países, como se sente? Lê as críticas? Num mundo cheio de opiniões, a opinião impacta a sua escrita?**

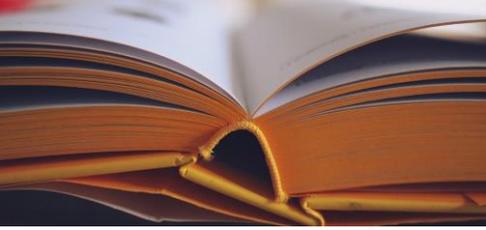
Quando me pergunta sobre isso, gosto de evocar uma ilustração viral de um cão sentado à mesa com um chapéu [de K.C. Green]. Ele diz: "Está tudo bem [This is fine.]" – e a casa está a arder. É assim que me sinto (risos). De repente, graças à minha agente, que fez um milagre, este livro chega a tantos países. Saber que o livro é lido por tantas pessoas, é muito maior do que o que eu esperava. É fantástico e é um peso, porque agora há expectativas.

**A pergunta mais irritante de todas será: há uma história no forno?**

Eu escrevo sempre, a toda a hora. Quanto ao meu processo de [escrita](#) nada mudou, excepto que agora tenho menos tempo. De resto, sinto-me confortável para continuar como sempre fiz. Nunca penso no que virá, só no presente. Já escrevi mais histórias, porque este livro foi escrito em 2021, embora só tenha agora visto a luz do dia. É muito tempo. Confiei nos meus editores. Pelo meio, escrevi uma coisa muito diferente, de fantasia e magia, passada em montanhas, com bruxas que começam a cortar as línguas às mulheres, passada no séc. XV. Quis escrever para mim.

**Nos agradecimentos, agradece a alguém por lhe ter mostrado Fernando Pessoa. O que viu nele?**

Li o *Livro do Desassossego*. Está entre o sonho e a filosofia, parece uma conversa entre amigos, que debatem a vida. Há uma parte em que ele fala da carne que ele vê numa montra e começa a falar da decadência do seu corpo. É um livro todo sublinhado. É sonhador.



Itália em destaque

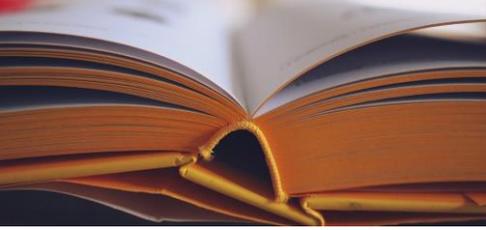
## **“La Malnata”, o cativante primeiro romance de Béatrice Salvioni**

Por Soisic Belin (Marianne)

publicado em 21/04/2023 às 12h57

Este ano, a Itália é o “país convidado” do Festival do Livro de Paris: isso é bom, esta autora de 25 anos assina com “La Malnata” (literalmente, “aquela que nasce mal”), um primeiro romance intrigante que leva o leitor de volta ao período do apogeu de Mussolini e dos camisas negras. Se a política fascista serve de pano de fundo, o cerne da trama é mais romântico do que parece: trata-se de emancipação feminina, amizade, tradições e amor.

Estamos em 1935, em Monza, uma pequena cidade do norte da Itália, nos arredores de Milão, conhecida pelas corridas de automóveis, quando Francesca, de 11 anos, filha única da família de um chapeleiro, conhece Maddalena, aquela que dá o título ao livro, a “menina descalça”, que todos os moradores acusam de



carregar o mau-olhado. Às vezes, as coisas acontecem sem que possamos explicá-las, ou então as explicações factuais não são suficientes para convencer as mentes vítimas de superstições – tão duvidosas quanto açucaradas – de que os acidentes são o resultado de uma combinação de circunstâncias.

A jovem Malnata carrega a culpa pela morte de seu irmãozinho, que, diante de seus olhos - enquanto ela deveria estar observando-o - deu o grande salto pela janela tentando imitar os pássaros. Desde aquele dia, toda a cidade olhou para sua morte, como se prestar atenção a ele significasse o início de uma longa descida ao inferno.

### **DOIS LADOS DA MESMA MOEDA**

Para a pequena Francesca, esta amizade é sinónimo de rebelião, é aliás este gosto pelo proibido que inicialmente a levará a ir conhecer Maddalena, a princípio apenas, porque rapidamente esta relação se tornará tanto para um como para o outro, como necessário, pois é vital. Feito de ricochetes no rio, braços manchados de arranhões, roubo de cerejas, esse apego fusional que nasceu nas margens do Lambro, sofreu muito rapidamente as consequências da legislação fascista, que regeu a mobilização dos cidadãos durante a guerra, e medos que surgem disso.

Béatrice Salvioni consegue restaurar de forma brilhante a atmosfera de uma pequena cidade, com os seus mexericos e as suas reputações que são feitas e desfeitas por razões obscuras. Seus habitantes se reúnem em ocasiões especiais; a massa é o ponto alto desta burguesia que só existe através do olhar dos outros; as praças permitem passeios ostentosos a todos aqueles que querem ser vistos, brilhar e restaurar a imagem dos seus humildes cônjuges.

Trata-se de estratégia, comédia, jogos de poder onde as classes sociais se misturam para melhor se separarem, tudo ao estilo italiano, com fala alta, burlesco e personagens retratados em traços largos, no limite da caricatura. Assim, a autora se diverte com a ambiguidade dos gêneros literários, fazendo seu romance flertar com contos e fábulas... É também uma questão de libertação feminina: são duas jovens em busca de um novo mundo livre. injustiças cujos culpados designados são os homens e a política. Mas neste contexto, em última análise, não serão estas duas faces da mesma moeda?

ão deveríamos, então, ficar surpresos ao descobrir uma moralidade benevolente escondida por trás destas linhas. Não será mais uma questão de se culpar por ter pegado este livro sem poder largá-lo antes do fim.

# Beatrice Salvioni, a estreante recordista, no assustador mundo dos adultos

por Daniela Monti / Corriere della Sera

A autora de *La Malnata*, vendida em 32 países antes mesmo de sua publicação, fala da sua vida entre a província (a "sua" Monza, nos vinte anos do fascismo) e a cidade (Turim, onde a escritora estudou em Holden), entre ansiedades e traumas de desempenho, "como quando um homem olhou para as minhas coxas... E eu entendi que também se pode ter vergonha do seu corpo"



*Beatrice Salvioni, natural de Monza, nascida em 1995, licenciada em Filologia Moderna pela Cattolica e dois anos na Holden School, ao lado da capa do seu romance de estreia, La Malnata, Einaudi*

«Chamavam-lhe Malnata e ninguém gostava dela. Dizer o nome dele trouxe azar. Ela era uma bruxa, uma daquelas que coloca o sopro da morte em alguém. Ela tinha o diabo dentro de si e eu não deveria ter falado com ela.» E em vez disso Francesca, a narradora do romance de estreia de Beatrice Salvioni, *La Malnata* (Einaudi), realmente nos fala daquela menina, e ficar longe dela impõe um esforço além das suas forças e o medo do castigo - maior do que qualquer tipo de medo possível. Assim nasce uma amizade visceral entre as duas adolescentes, elas se estudam, se escolhem, e isso mudará as suas vidas. Ao fundo está o rio Lambro, com as suas margens acidentadas de onde se regressa sempre com alguns ferimentos, e uma cidade provinciana

imersa na atmosfera estagnada dos vinte anos de fascismo, a propaganda da guerra na Abissínia, e a arrogância dos homens fardados, a entrega das mulheres – de quase todas as mulheres –, sempre dois passos atrás.

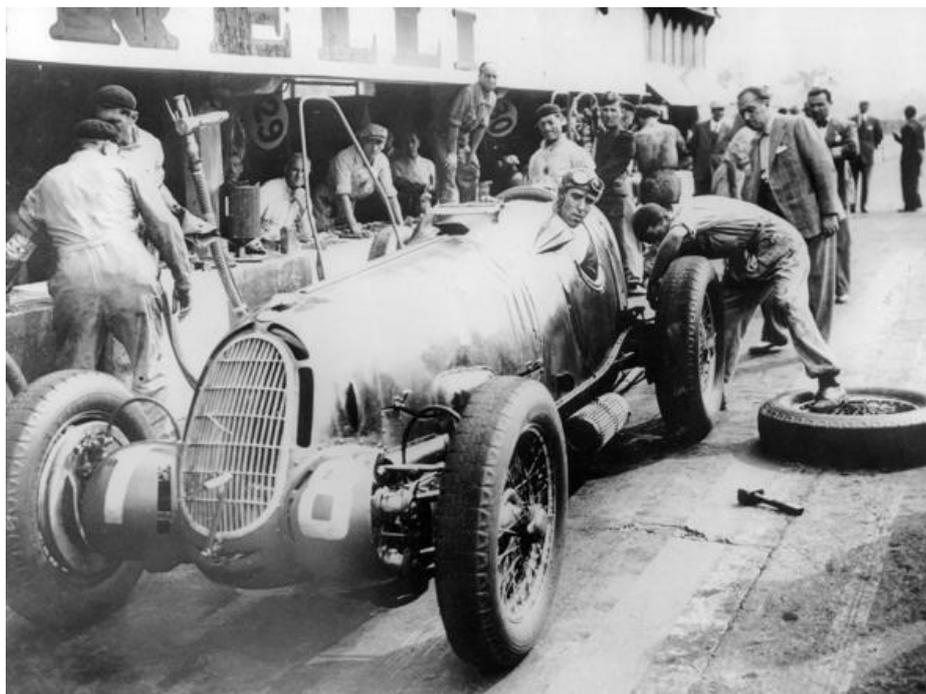
Romance de estreia, já foi dito: mas uma estreia muito particular visto que foi lançado simultaneamente em Itália, França, Espanha, Holanda, aos quais se somarão a Alemanha e os Estados Unidos. Uma audiência de leitores como ponto de chegada e não como ponto de partida. Um “caso editorial” desde a Feira do Livro de Frankfurt, 2021, quando foi vendido em 32 países (“Estava a caminhar nas montanhas, e no final da viagem encontrei vi chamadas perdidas. Ela era minha agente. É trivial dizer isso, mas eu realmente não acreditei.”) Mas Beatrice Salvioni, de Monza, nascida em 1995, diz que este seu romance, que tanto entusiasmo tem despertado entre os profissionais, nasceu “do ponto de vista técnico” como um ensaio no final do biénio na Escola Holden, em Torino. «Os alunos são convidados a apresentar o seu próprio romance ou uma coletânea de contos no evento denominado *Abrindo Portas*», explica, e o evento de que fala, no teatro da escola, é aquele a que se junta a produção editorial, televisiva e cinematográfica. “Cada um tem cinco minutos para falar do palco para todas essas pessoas que têm o poder de trazer a sua história ao mundo. Falei sobre Malnata.”



Três cartazes de propaganda fascista das décadas de 1930 e 1940

### Do ponto de vista "não técnico"?

«Eu precisava urgentemente contar a história. Sempre gostei de dar voz às meninas e aos meninos. Interessa-me aquela fase da vida em que ainda não se sabe quem é e tem que se entrar num mundo assustador, o de ser adulto, e colocar-se no papel em que se quer que você seja homem ou mulher. E sempre gostei de contar histórias de meninas que fazem coisas impossíveis. Devo isso à minha avó, que sempre me disse como seria lindo se eu tivesse nascido menino, porque para ela o sexo feminino na vida “fica preso aí”. Como reação, escrevi histórias sobre mulheres que se tornam cavaleiras, piratas, que montam dragões ou caçam vampiros. Meninas que, como Francesca e Malnata, têm que enfrentar a tarefa impossível de crescer e, ao mesmo tempo, a tarefa de se fazerem ouvir num mundo que quer silenciá-las.”



*Tazio Nuvolari em Monza nos anos trinta (uma cena do romance fala do Grande Prémio em que o campeão terminou atrás do alemão Hans Stuck)*

### **Como lidou com a tarefa impossível de crescer?**

«Percebi bastante tarde o que significava para uma mulher ter responsabilidade pelo seu próprio corpo. Foi um momento traumático. Eu estava no ensino médio, tinha feito ginástica e minhas pernas estavam nuas, no caminho para casa um homem olhou minhas coxas. Meus amigos diziam: deves estar feliz, é uma coisa linda de se olhar. Mas então eu entendi que o corpo não é só o que permite agir, estar no mundo. Também é algo de que alguém se deve envergonhar.»

### **Monza, década de 1930. Porquê o cenário fascista?**

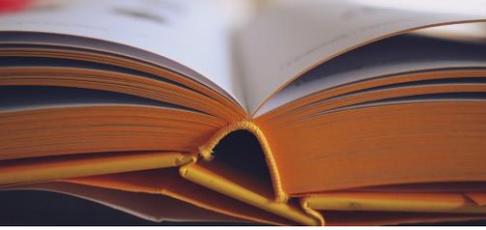
«Não é necessário a todo custo afastar-nos do presente para encontrar um mundo que queira silenciar as mulheres ou as minorias, pelo contrário... No entanto, afastar uma história de hoje ajuda a compreender o quanto, no nosso presente, um passado que ainda pesa pensávamos que estava superado. E isto é assustador: nenhuma conquista, nenhum direito é dado como garantido.»

### **É um livro feminista?**

«Sim e também me considero feminista, mas de um feminismo inclusivo, mulheres cis e mulheres trans, homens cis e trans, juntos. O feminismo em que acredito é aquele que quer ser um sopro de liberdade para todos.»

### **Há personagens masculinos tacanhos e outros muito bonitos...**

«Noah é um dos meus favoritos porque encarna uma figura oposta à masculinidade tóxica: é gentil, está sempre esperançoso apesar do mundo que o rodeia não lhe dar muitas razões para ter esperança. O pai bate nele mas, apesar deste péssimo exemplo em casa, ele conseguiu construir a sua própria visão do mundo: não acredita em superstições, não acredita no que dizem de Malnata, tenta sempre pensar com a cabeça.»



*Tropas italianas na Abissínia, em 1935*

**Noha está salvo. Então não somos produto do ambiente em que crescemos?**

"Sim, nós somos. Nem todo mundo tem o privilégio de se livrar disso, saindo da jaula da província. Quando se esteve cercado a vida toda por pessoas sufocantes que só sabem impor regras, fica difícil entender que o mundo também pode ser visto de outro ponto de vista. E em todo caso, acho que é preciso sempre ter alguém que te acompanhe nessa jornada. E na verdade Francesca tem Malnata."

**O livro foi falado pela primeira vez em 2021. Já faz algum tempo.**

«Os tempos de publicação são muito longos, a editora disse que queria me proteger da melhor forma possível e eu confiei nela. Mas sim, foi difícil. Parentes no Natal, além da pergunta habitual - vocês já estão noivos? - tinham outra: então esse livro? Eles temiam que eu fosse como Jean-Claude Romand em *O Adversário*, de Carrère, o mentiroso em série que, no final, mata toda a gente. Agora, finalmente, eles acalmaram-se..."

**Dois anos depois de concluí-lo, você ainda consegue encontrá-lo no texto?**

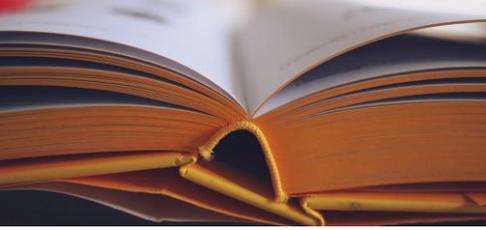
«Não abandonei, continuei trabalhando nisso até junho passado. E enquanto isso escrevi outras coisas."

**Ele também escreveu uma sequência?**

«Não, e no começo eu realmente não pensei nisso. Mas agora quando se fala em transformar a história numa série de TV, surgiu a pergunta: já pensou no que pode acontecer com esses seus personagens depois? Estou a estudar novos livros sobre a Resistência em Monza, estou a descobrir coisas muito interessantes."

**Ela também é filha da província. Como é que ela se libertou?**

«Sempre morei em Monza, mesmo durante os meus anos de universidade: estudei filologia moderna na Universidade Católica. Só quando fui para Turim para me juntar a Holden é que descobri o que significa estar sozinho, viver numa cidade. Graças a essa abertura, ganhei uma



nova visão de mim mesmo e do mundo. Holden é um enclave seguro e louco porque permite que se cerque de pessoas absurdas como você, obcecadas por histórias como você, e é maravilhoso poder conversar o dia todo sobre isso."

**Voltemos aos seus cinco minutos em palco, no *Opening Doors*. Como correu?**

«O cruel é que, quando se sai do palco, dão-te uma mesa com o teu nome e quem se interessar pela sua história, quem viu uma faísca nela, pode sentar-se na sua frente e falar sobre o seu trabalho. Fiquei ansiosa, claro, mas logo percebi que muita gente queria conversar comigo, perguntar-me sobre o romance. Conheci o meu agente lá."

**A autora mudou em comparação com aquela estudante Beatrice, atrás da mesa?**

«Dois anos não são suficientes para realmente mudar uma pessoa. Em comparação com 2021 sou a mesma, em comparação com quatro anos atrás, antes de ir para Turim, tudo mudou."

**Muitos jovens autores frequentaram escolas de redação.**

«Não é essencial, mas ajudou-me muito. Lá eu experimentei pela primeira vez como é escrever e ter alguém a julgar, de verdade, não como os amigos ou a sua mãe fazem. Alguém que te diga: este diálogo funciona e este não, e explica porquê. Estudar roteiro / argumentação ensina como moldar um enredo - a estrutura clássica de três atos, a jornada do herói... Sabe-se que se há algo no primeiro ato, e você aponta, a mesma coisa tem que voltar no segundo e ser importante. A escola te dá uma base, mas não só: tenta dar uma identidade à sua voz. Antonia Murgu, que com *o Miss Dezembro e o clã Luna* ganhou o prémio *Strega meninas e meninos* de melhor estreia em 2022, estava na escola comigo. E a própria Monica Acito, que publicou *Uvaspina* com Bompiani."

**Sente que tem dívidas para com algum escritor? Elena Ferrante, por exemplo, e seus amigos brilhantes.**

«Adorei muito o primeiro livro da trilogia. Existe a ideia do personagem catalisador que cria uma virada, uma fratura numa vida que é sempre a mesma, que te transporta para um mundo onde nunca se pensou que chegaria. Um mundo onde também existe a possibilidade de desobedecer. *La Malnata* desenvolveu-se em torno desta ideia." Nos agradecimentos cita muitas pessoas, inclusive o escritor Marco Missiroli, "para uma das cenas-chave da história".

**Qual?**

«Missiroli deu uma bela *masterclass* em Holden, durante o segundo ano, na qual trouxe à tona "a estrutura sentimental" - é assim que ele a chama - de cada um de nós, o núcleo que nos move, a urgência que reside em todos nós: as nossas histórias. Foi esclarecedor, quase um pouco mágico. Ali, no jardim da escola, idealizei a cena em que Francesca, na parte inicial do livro, se debruça sobre a ponte e observa a menina brincando com as amigas às margens do Lambro. Então ela reúne coragem e desce. A amizade delas começa assim."

**E agora? Expectativas?**

«Há tanta gente a contar comigo, sinto muita pressão. E acho que também tenho as ferramentas para lidar com as críticas, se houver. Sou escritora em tempo integral desde que terminei a escola. Vamos ver o que acontece".

## Beatrice Salvioni: «As minhas duas filhas queriam que as suas vozes fossem ouvidas num mundo sexista, sexista e racista do fascismo»

A muito jovem autora do aclamado romance 'La Malnata', visitou o nosso país há algumas semanas apresentando o seu trabalho de estreia com a editora Lumen.

15 de maio de 2023 13h35 | Atualizado em 19 de maio de 2023 07:00 artigo de [Ana Rivera](#) /

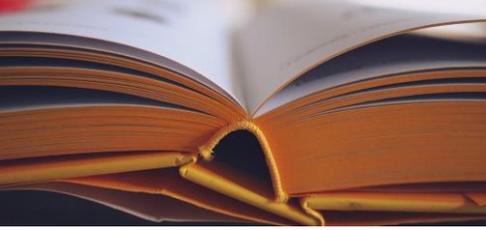
[Diari de Tarragona](#)



*A escritora italiana Beatrice Salvioni. Foto: Daniel Altea/Penguin*

A qualidade literária de Beatrice fica evidente nas primeiras páginas de *La Malnacida (La Malnata)*, seu primeiro romance. Ambientado na Itália fascista da década de 1930, duas meninas de dois mundos completamente antagônicos, assim como seus personagens, estabelecerão uma verdadeira amizade, rompendo com os moldes estabelecidos pela época. Com forte carga social e política, as suas páginas estão repletas de empoderamento feminino e de luta contra o fascismo. Realmente não se deve perder este livro, que maneira bárbara de escrever...

Não é de estranhar que, aos 28 anos, esta italiana de olhar bondoso tenha cativado mais de 30 editoras em todo o mundo. Estamos diante de um fenómeno literário que não devemos perder de vista.



Há algumas semanas ela esteve em Madrid apresentando as aventuras de Francesca e Maddalena, com a editora Lumen, e pudemos conversar com ela.

**Beatrice, *La Malnacida* é seu primeiro romance. E já está nas mãos de mais de 30 editoras, foi premiado, vem sendo aplaudido em diversos países e a sua adaptação para televisão está a ser preparada. Como se sente entrando assim, como uma Ferrari de verdade, no mundo da literatura?**

Sim, *La Malnacida* é meu primeiro romance publicado, mas é claro que o primeiro conto que se publica não é o primeiro que se escreve. Houve muitas outras histórias antes que me permitiram escrever *La Malnacida*. Todas as histórias que tenho escrito, começando também pelas primeiras experiências embaraçosas da minha adolescência, das quais não me arrependo porque me permitiram treinar e compreender o que fazer e o que não fazer, permitiram-me crescer para chegar a *La Malnacida*.

Ainda me sinto bastante chocada com o que está a acontecer em torno deste romance. Estou muito feliz que tenha sido publicado e que muitas pessoas o estejam a ler. Ainda tenho dificuldade em acreditar, mas estou grata e feliz.

**Quando decidiu que queria se dedicar à escrita?**

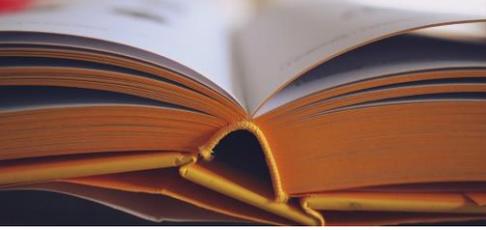
Pode parecer banal, mas sempre soube que queria escrever, ou talvez fosse a minha segunda possibilidade, a minha segunda preferência quando era criança porque a primeira era ser cavaleira. Porém, mais tarde entendi que sair com espada e armadura não era aceitável e, em todo caso, não era um papel adequado para uma mulher e, além disso, os cavaleiros e princesas para salvar e os dragões pertenciam apenas ao universo que estava nos livros. Portanto, outra forma de se tornar um cavaleiro era escrever histórias. Daí surgiu minha paixão e um pouco de obsessão por histórias, então o segundo emprego se tornou o que mais tarde quis ser: ter a oportunidade de me dedicar totalmente às histórias.

**É o seu primeiro trabalho, uma escritora tão jovem e nova... talvez a pergunta seja típica, mas de onde veio a inspiração para o romance? Como surgiu a ideia e como foi para terminá-la?**

São dois os núcleos em torno dos quais gira esta história: o primeiro é o da amizade entre duas meninas aparentemente muito diferentes entre si, uma das quais é rebelde, diz que não tem medo de nada, está decepcionada com a vida; O outro, por outro lado, é mais tímido e cheio de medos. Essas duas meninas estão comigo há muito tempo, em muitas histórias que vivi no passado, e foram crescendo até finalmente chegar nessa história. Eles cresceram e mudaram.

O segundo núcleo foi o da voz: o desejo de fazer ouvir a própria voz e talvez o mistério relacionado com o poder que Magdalena acredita ter, o poder da voz. Estes são os dois núcleos em torno dos quais construí a história e queria situá-la no período do fascismo como um período arquetípico que estava em conflito com os protagonistas da minha história: duas raparigas que queriam que as suas vozes fossem ouvidas num mundo sexista, machista e racista do fascismo. Depois, também tive a intuição de que ao situar uma história no passado, olhando-a de longe, é mais fácil intuir as semelhanças com o presente e fazer perguntas que podem ser úteis até sobre o mundo atual.

**Acho que até os agradecimentos do seu livro são lindos. Que autores e obras te inspiraram e marcaram ao longo da vida?**



Há muitos escritores a quem sou grata por terem me ajudado a crescer e por me terem inspirado. Vou citar apenas alguns porque senão poderia falar durante horas: Fenoglio, principalmente as suas histórias. Sempre em termos de histórias podemos citar Carver, As Nove Histórias de Salinger, Alice Munro e Amy Hempel, mas também as histórias de Buzzati. Quanto aos romances Donatella Di Pietrantonio, como escritora contemporânea, Cesare Pavese e Vittorini, remontando aos anos... Ammaniti, remontando como escritora contemporânea, Joyce Carol Oates e Donna Tartt, especialmente com “O Pintassilgo”, estes são os primeiros que vêm à mente, mas há muitos mais.

***«Para mim, Maddalena, a desgraçada, é esta ideia de rebelião, de confronto às imposições da sociedade que querem te rotular de uma certa forma»***

**Uma rapariga que supostamente tem poderes sombrios que trazem infortúnio ao seu redor; mas, ao mesmo tempo, a única que se rebela contra as normas rígidas que a sociedade estabelece, especialmente com as mulheres. Aquela que, como ela mesma diz, “não tem medo de nada nem de ninguém”. O que é, o que significa, e o que Malnacida representa para si?**

Para mim Maddalena, a desgraçada, é essa ideia de rebelião, de confronto às imposições da sociedade que querem te rotular de uma certa forma.

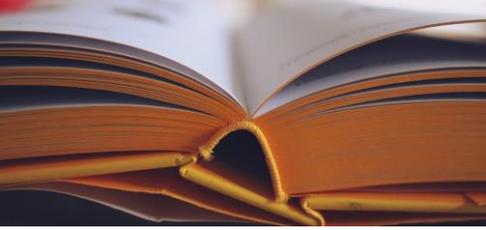
Porém, ela também é, justamente voltando ao seu mantra “não tenho medo de nada”, uma pessoa que construiu uma estrutura em torno de si e diz que não tem medo de nada, escondendo ao mesmo tempo muitas fragilidades. Na verdade, ele tem muitos medos, que só poderá enfrentar graças a Francesca, para que ninguém se salve sozinho: o bastardo ensina Francesca e Francesca acompanha Maddalena.

**Francesca e Maddalena pertencem a dois mundos diferentes e as suas personalidades são quase antagónicas. Uma acaba se rebelando e a outra pede para a amiga “ser boazinha”. Admirando-se, respeitando-se em diferentes personagens... e até Francesca se apaixonar por Maddalena?**

Francesca e Maddalena são aparentemente muito diferentes. Na realidade, escondem muitas semelhanças: Francesca procura em Maddalena aquele carácter catalisador que lhe permite dar o primeiro passo necessário para aprender a desobedecer. Porém, por sua vez, Maddalena, graças a Francesca, consegue mudar, livrando-se da culpa e do peso de muitas sombras que a atormentaram durante muitos anos de sua vida. Então elas são inseparáveis.

Magdalena é para Francesca o ideal de liberdade, ela é tudo o que não pode ser, com as pernas manchadas de lama, cheias de crostas e arranhões, com a cabeça erguida e as caretas que faz para todos aqueles que se benzem quando ela se benze. Eles a veem passar, porque acreditam que ela traz azar.

Está até relacionado com o sentimento de proibição: a sua mãe e todos na cidade dizem que não se deve estar perto dela, Francesca por outro lado quer fazer isso mesmo, o seu maior desejo é estar perto dela. Podemos dizer que o que Francesca demonstra por Maddalena é um amor e a paixão pode ser identificada no preciso momento em que trocam aquele primeiro olhar, quando Francesca olha da Ponte dos Leões e Maddalena levanta a cabeça e olha para ela.



É o primeiro romance de Salvioni Foto: Vittoria Bernini

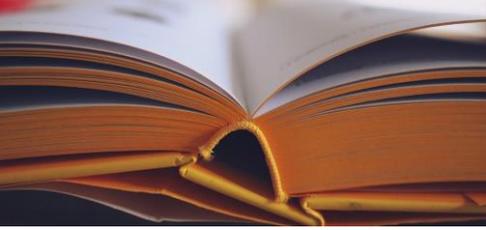
**É difícil para a sua Francesca e Maddalena não evocar Lenú e Lina de Elena Ferrante. Como você se sente quando se faz essa comparação?**

A comparação com Elena Ferrante é sem dúvida lisonjeira. Gosto especialmente dos dois primeiros livros da saga da *Amiga Genial*, porém, sou muito nova, este é o meu primeiro livro e é um peso difícil de carregar. Além disso, é uma comparação fácil pensar que uma amizade entre duas meninas num período difícil é algo típico de Elena Ferrante, porém, acho que *La Malnacida* tem voz própria.

**No seu livro trata-se da luta de classes, da opressão do fascismo, da dor e da incerteza da guerra, do sofrimento e do medo do que as pessoas vão dizer, das ideologias sociais e também do empoderamento feminino, da menstruação, do quase aborto e até do amor em todos os seus aspectos ,... sobre o que gostaria de falar no seu próximo trabalho?**

No meu livro falo sobre muitas coisas, e todas são temas muito caros para mim. Acho que quando escrevemos uma história é inevitável que todos os ideais, todas as coisas pelas quais se acha que vale a pena lutar, entrem na narrativa. Mas têm que ser apresentados de forma coerente e silenciosa porque quando uma história quer necessariamente transmitir-lhe uma mensagem, torna-se fria e insincera.

Então sempre se precisa daquela “tolice sentimental”, como chama Missiroli, minha professora, ou seja, daquela urgência, daquela necessidade, daquela chama que te impulsiona a escrever uma história sincera.



***«Os meus protagonistas procuram encontrar um espaço para serem o que querem ser, o que sabem que têm de ser»***

**O romance envolve a Itália dos anos 1930, embora se tenham passado décadas desde que Mussolini e seus camisas pretas tomaram conta da Itália, acha que ainda existem vestígios dessas ideias?**

Coloquei a história na década de 1930, no entanto, muitas coisas podem ser vistas ainda hoje, começando pela educação de meninos e meninas: uma sociedade que tenta classificar as pessoas apenas de uma certa maneira. Se se nasceu mulher, deve estar-se acostumada e educada à submissão e à obediência; Se é homem, tem que se ter consciência de que a honra só se adquire com uma atitude violenta e tem que se aceitar um dia poder manchar as mãos de sangue. Já os meus protagonistas tentam encontrar um espaço para serem o que querem ser, o que sabem que têm que ser. Muitas destas coisas ainda existem hoje, num sentido mais amplo: a obsessão em encontrar sempre um bode expiatório a todo custo; deixar-se convencer pela multidão; o facto de culpar alguém a todo custo para sentir menos medo. E acho que num momento incerto como aquele e o de hoje, a tendência é tentar consolar-se, infelizmente, em tudo isso: no fechamento. E trancar-se é arriscado, é perigoso. É o que nos deixa vazios. Portanto, o fascismo mais perigoso é aquele que está nos corações e nas mentes das pessoas e que, infelizmente, ainda está vivo.

**Duas jovens com coragem, num mundo sufocante masculinizado, em que ambas acabam lutando juntas contra um gigante que ainda pisa nas nossas gargantas e em que a violência contra ele quase nos encanta, como acha que devemos lutar contra o patriarcado e o sexismo? Não seria mais fácil se as crianças fossem educadas com a sensibilidade do país de Noah ou de Francesca?**

Na verdade, acredito que a melhor e mais eficaz forma de se opor ao patriarcado, ao machismo, é começar pelo início, começar pelas bases, desde a educação quando se é pequeno, é o melhor.

É aqui que se afundam as raízes de uma educação patriarcal, mesmo que apenas na distinção entre papéis de género.

Portanto, sem dúvida na educação e na ideia de fazer crescer meninos e meninas sem preconceitos e com a consciência de que, em qualquer caso, o mais importante é ser fiel a si mesmo e que se pode ser o que quiser. Encontramos algo que nos permite construir um mundo livre de preconceitos e livre de sexismo, machismo e injustiça.

É evidente que sou um pouco idealista e não sei até que ponto seria realmente possível chegar a um mundo assim, mas podemos tentar e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para o conseguir.

***«Gostaria que os leitores terminassem de ler La Malnacida, com a ideia de que vale sempre a pena ser um pouco malvado e fazer com que a sua voz e as suas crenças sejam ouvidas.»***

**Pessoalmente admiro a ousadia, a bravura e a coragem de Francesca e Maddalena, queria desenhá-las assim, como duas heroínas?**

Não pensei nos meus personagens como heróis no sentido clássico do termo.

Em geral, quando pensamos em heróis, pensamos em alguém que nunca pode errar, que sempre faz a coisa certa, talvez alguém que tenha até aquela coragem que é irreal. Ter coragem de verdade é reagir apesar do medo, e não com ausência de medo, então talvez elas sejam um pouco mais anti-heroínas, já que possuem muitas sombras. Porém, ao levarem a cabo a sua batalha e o desejo de que a sua voz seja ouvida, tornam-se um modelo, sim, tornam-se uma aspiração.

**Com este livro passou certamente por diferentes estados emocionais: raiva, frustração, alegria,... que sentimento gostaria que os leitores tivessem?**

Gostaria que os leitores terminassem de ler *La Malnacida*, com a ideia de que vale sempre a pena ser um pouco malnacida e fazer a sua voz e o que suas crenças são ouvidas, independente de tudo.

**É inevitável perguntar-lhe com aquele final de parar o coração: teremos notícias de Maddalena e Francesca novamente?**

Sim, voltaremos a ouvir falar de Maddalena, Francesca e Noah e de todos os outros.

